

SAL  
9109  
50.100

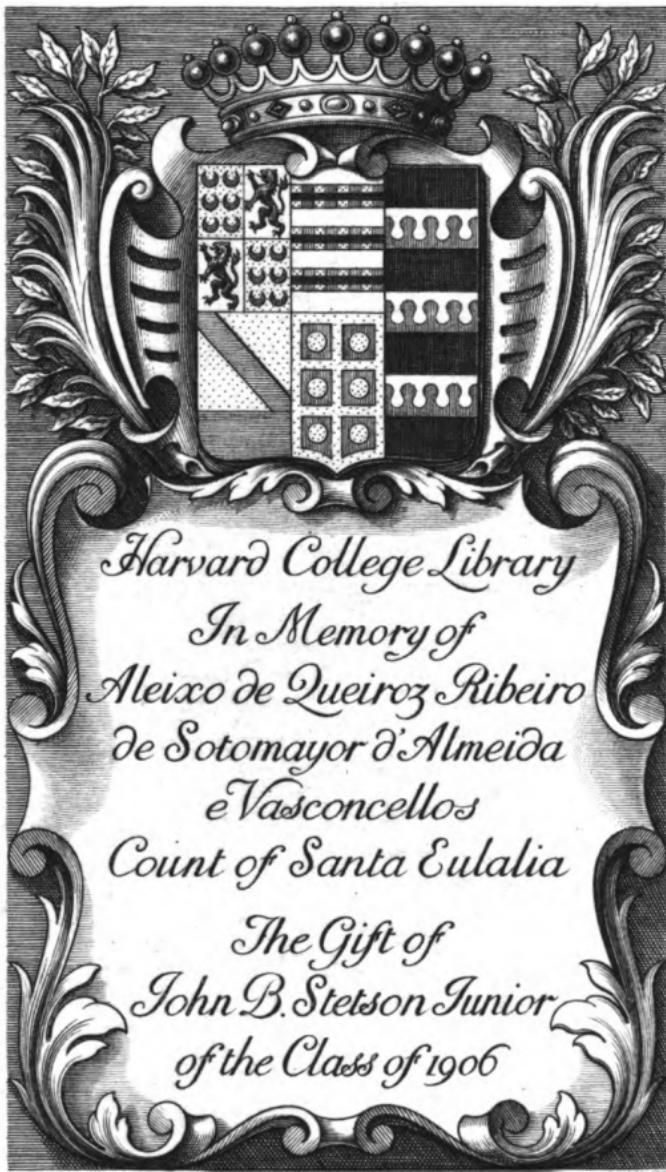
WIDENER



HN LIYR B



SAL 9109.90.100

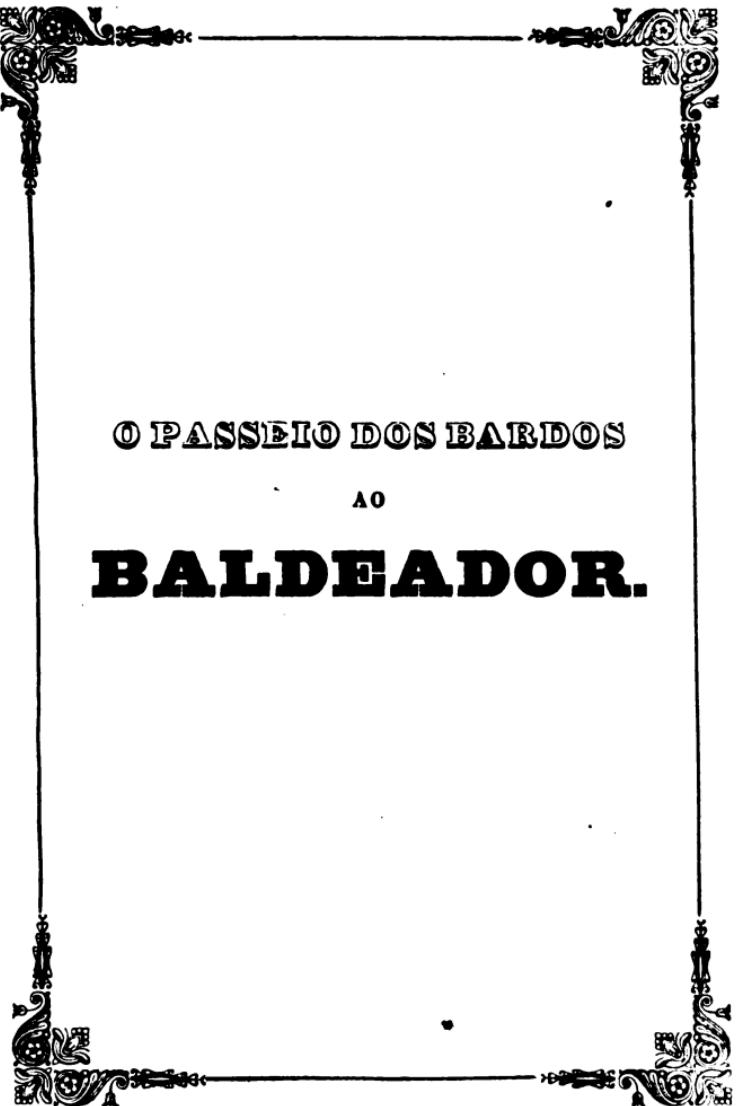












© PASSEIO DOS BARDOS  
AO  
**BALDEADOR.**

50

O PASSEIO DOS BARDOS  
AO  
**BALDEADOR,**  
POR  
**FLORIANO ALVES DA COSTA.**



**ED. DE JABERU,**  
TYP. DE SILVA LIMA, RUA DE S. JOSÉ N. 8.

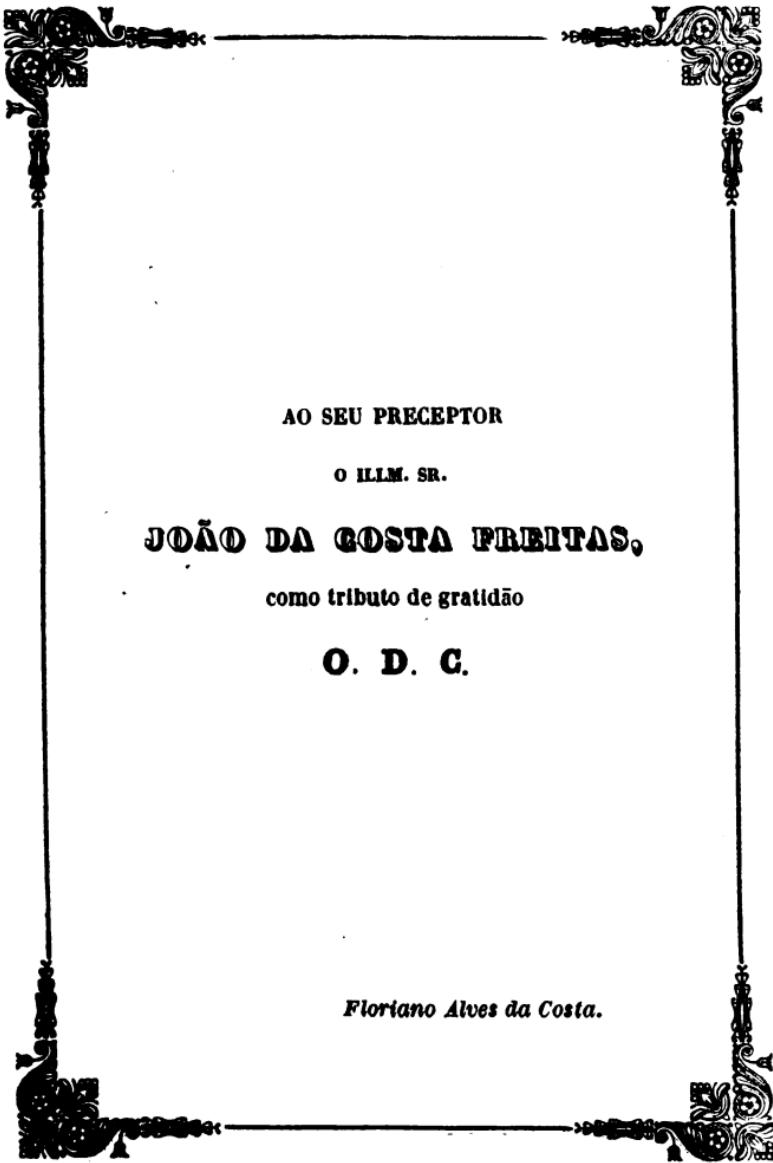
**1848.**

SAL 9109.90.100

✓

HARVARD COLLEGE LIBRARY  
COUNT OF SANTA EULALIA  
COLLECTION  
GIFT OF  
JOHN B. STETSON, Jr.  
9 Dec. 1924

26-26  
11



AO SEU PRECEPTOR

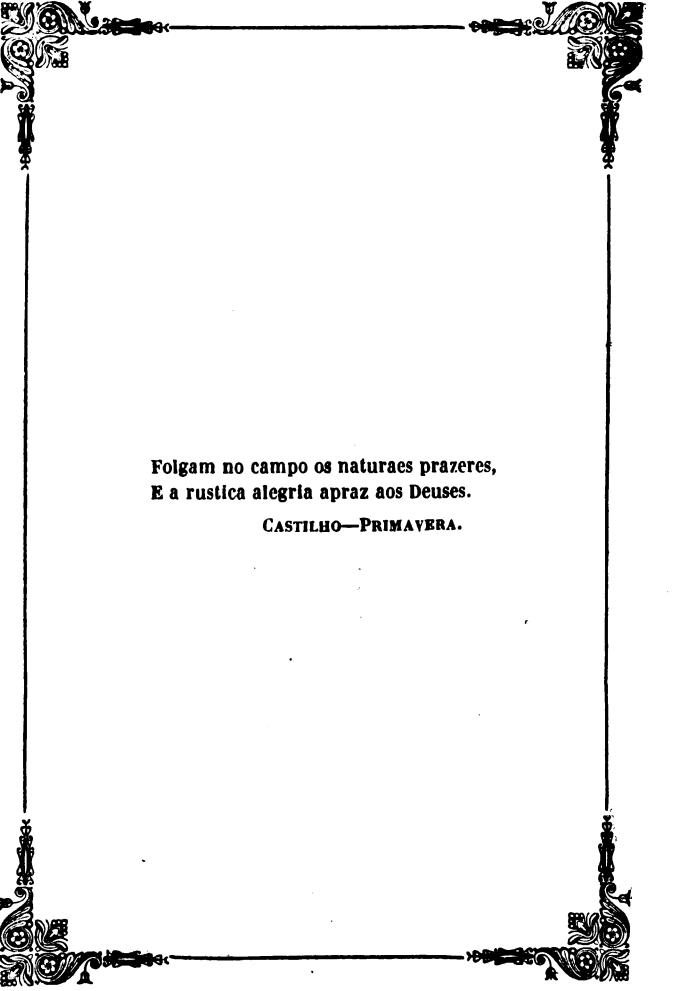
O ILLM. SR.

**JOÃO DA COSTA FREITAS,**

como tributo de gratidão

**O. D. C.**

*Floriano Alves da Costa.*



Folgam no campo os naturaes prazeres,  
E a rustica alegria apraz aos Deuses.

CASTILHO—PRIMAVERA.

## O PASSEIO DOS BARDOS

AO

## BALDEADOR.



 **U** se dêsse um passeio além das plagas  
D'esta bella cidade do Janeiro,  
Entre si dois amigos \* decidiram,  
Dando d'est'arte distracção mais ampla  
Ás tão communs fadigas do trabalho.  
Foi então escolhido o amêno sitio  
Que de Baldeador lhe dão o nome ;  
E já de antemão fruindo mil prazeres,  
Descreviam na mente os dois amigos,  
Os tantos regozijos que se gozam  
No bello apreciar do bello campo,  
Já contemplando a basta Natureza,  
Já gostando real simplicidade,  
Que difficil se encontra, ou não existe  
N'esta nossa cidade populosa !

\* Lourenço Maximiano Pecegueiro e o autor.

Concebido o passeio, concordaram  
Que no dia seguinte se embarcassem  
Em direcção ao porto do Coqueiro,  
De onde então a pé seguir deviam  
Té o sitio por elles destinado,  
Onde, diante só da Natureza,  
Que n'esta nossa terra tanto sobra,  
Resfolegar pudessem os enlevos  
Que offerece o risonho panorama  
Das montanhas, dos bosques, dos oiteiros,  
Onde tanta poesia se reúne,  
Onde a alma do Bardo se extasia,  
No dôce meditar que o arrebata ! . . .

Gasto o dia anterior a esse dia  
Em que tanto pensavam estes jovens,  
Ao ponto destinado foram ambos  
Afim de ahí a elles se juntarem  
Mais dois amigos, \* que tomaram parte  
No bello distrair d'este passeio,  
Que tão grato prazer annunciava,  
N'um folgar tão ridente. Ahí se achavam  
Em breve reunidos todos quatro,  
Quando em meio era o dia do seu giro :  
Almo prazer em todos respirava,  
Deu-se a voz da partida, eis-os s'embarcam.

\* Dionisio Dutra Corrêa e Evaristo Augusto da Silva.

Em sujo batel da roça,  
De cargas todo tomado,  
Entraram os quatro amigos  
Qual em pensar mais ousado :  
Cada um já assentado  
Contemplava o borborinho  
Que se fazia sentir  
No tão pequeno barquinho.

De vinte quatro pessoas  
Já elle tomado estava ;  
Mulheres, homens e cargas  
Tudo mal se accommodava :  
Entretanto, a tudo dava  
Maior graça, mais acção,  
Os ditos que proferia  
Do tal barquinho o patrão.

Este, assentado na pôppa,  
Tomando do leme conta,  
Para seguir a viagem  
Bem galhardo já se aprompta :  
A prôa do barco aponta  
Para o sitio desejado ;  
Soltam-se as vélas e vê-se  
Já o ferro levantando...

O vento a favor  
Que então se agitava,  
No barco empregava  
Toda actividade,  
Que em breve a cidade  
Nos fez tão distante,  
Que olhar penetrante  
Não mais descobria.

Na vasta bahia  
Então nos achámos,  
E a vista espriámos  
Em seus arredores :  
Os bellos verdôres  
Das ilhas formosas,  
Serras alterosas  
Fômos contemplando.

Fômos desfructando  
Todo o panorama,  
Que assaz se darrama  
N'esta bella terra,  
Aonde se encerra  
Tanta poesia,  
De noite e de dia,  
Em todo o lugar...

N'estes bellos contemplar  
Todos engolfados iam,  
Que nem ao menos sentiam  
Do sol os ardentes raios.

Tal era o contentamento  
Que a todos dominava ,  
Em tudo graça se achava,  
Tudo era riso e ventura.

Esquesitos pensamentos  
Pelo patrão emittidos,  
Feriam mais os sentidos  
Da bella reunião.

Pois ninguem mais desejava  
Do que nós, se divertir ;  
Em todos, dôce sorrir  
Ineffabil se mostrava.

Entanto o activo vento  
Mais e mais se redobrava,  
O barco quase voava  
Impellido pela força ;

Té que tanto foi crescendo

E a tal ponto se elevou,  
Qu'em breve se rebentou  
Uma das duas escôtas.

Aos gritos de— fêrra a véla—  
A risada foi geral,  
Fazendo-se mais cabal  
O nosso divertimento.

E em taes brincos  
Nos engolfando,  
Fômos passando  
Toda a bahia.

Em todos, prazer  
Se manifestava,  
Em todos reinava  
O contentamento,

E em complemento  
A dôce alegria  
De todos se via  
No rosto expressar.

De tantos enlêvos  
Foi o só motôr,

O Baldeador  
Já tão desejado !

E tudo já tendo  
Bem analisado,  
Conforme o ensejo  
Nos foi permittindo,  
De— terra — uma voz  
Se deu, e nós todos  
Do barco da roça  
Nos fômos saindo.

Então avistâmos,  
Mesmo á nossa frente,  
Um alto coqueiro  
Já envelhecido,  
O qual nome deu  
Ao porto, que achâmos  
De curta extenção,  
Mas appetecido.

Pequenas casinhas,  
Em numero breve,  
De tôsco trabalho,  
Sem ordem alguma,  
Postadas em fila

Ao longo da praia...  
Do Coqueiro o porto  
Este é, em summa.

E já em terra todos, espriamos  
A vista ao derredor do porto amêno ;  
Tudo n'elle animava, e assaz se via  
A Natureza em tudo derramada  
N'este sitio tão bello e pitoresco.  
Aqui, de uma janella se mostrava  
Como que a mèdo a pudica donzella ;  
Ali, o ancião curvado de annos  
Desfructava do porto a vista bella;  
Estes, debaixo dos tamarinheiros,  
Que em frente ás casas ficam, junto á praia,  
Abrigados do sol, se distraiam  
C'os novos viajôres que saltavam....  
Oh ! como é bello o habitar bem longe,  
Bem longe, das cidades grandiosas !  
Ali, a Natureza em toda a parte,  
Nos homens e animaes, na flôr, nas hervas,  
Nas casas, nos costumes dos seus povos ;  
Aqui o luxo e o estridor dos carros  
D'esses grandes do mundo... e o labyrinto...  
Tudo é confusão, tudo é buliço....  
  
Oh ! como é bello o habitar bem longe,

Bem longe das cidades grandiosas !  
Desfructa-se no campo almôs prazeres,  
No campo o home' em tudo s'extasia !...

E ahi nós tendo  
Pago ao patrão,  
E as nossas malas  
Tendo na mão;  
Dôce espanção  
Dêmos á vista,  
Pois que no porto  
Nada contrista.

A estrada fômos  
Depois tomando,  
Que em frente 'stava  
Se nos mostrando ;  
Fômos caminhando...  
Por todo o passeio  
Tudo era alegria,  
Tudo era recreio.

E a casa avistámos, enfim,  
Que pôz cabo á viagem comprida ;  
N'ella, a simplicidade esculpida  
Nós achámos, no aspecto singelo.

Isolada n'um campo, onde finda  
Mui custosa ladeira, escarpada,  
Sem abrigos ao vento, assentada  
Nós a vimos, e pois a saúdamos.

Oh ! então a alegria se fez  
Dignamente expressar em nós todos ;  
O contento se via nos modos,  
Nas acções, nas palavras, nos rostos.

Já da casa as pessoas se apinham,  
E contentes nos vêm receber ;  
Seus olhares expressam prazer,  
Tudo é natureza é bom grado.

A cancella transpuzémos  
E na casa nos achámos ;  
Declinava o sol então,  
E á mesa nos sentámos,

Pois da fome já em nós  
O efecto era sentido ;  
Bem depressa devorámos  
O que então nos foi servido.

E tudo acabado

Deixamos a mesa ;  
Fômos logo vêr  
Do sitio a belleza.

Na casa, pois, frequencia limitada  
Nós tivemos, porque sómente o bosque,  
O caminho, de matos abastado,  
A si nos atraiam por um modo  
Bem custoso de assaz o expressarmos :  
Ahi, sob uma arvore frondosa,  
Qual é a do Brasil bella mangueira,  
À sombra desfructava-mos contentes  
A mais dôce emoção de almos favôres,  
Quaes os que a Natureza ha concedido  
A este nosso paiz de primavera !

O regato que foge mansamente,  
Em seu curso contínuo, murmurando,  
Que após si as aréas e as pedrinhas  
Leva, no deslisar do seu caminho ;  
O meigo sabiá, terno ao ouvido  
Quando a sua canção gorgêa alegre ;  
O alvi-negro colleiro, cujo nome,  
Amplamente lhe expressa a apparencia ;  
O serrador, passarinho, que n'um galho  
Sempre pulando, arremedar parece

Da serra o exercicio na madeira ;  
O veloz beija-flôr, esvoaçando,  
E no ar se retendo, p'ra d'est'arte  
Melhor fruir da flôr o dôce succo ;  
A leve mariquita, a borboleta,  
De lindíssimas côres matizada,  
Que nos deleita a vista, e em nós desperta  
O poder vasto do Arbitro do Mundo... .  
Tudo isto para nós era um portento,  
Tudo em nós era grande ! e este espetac'lo  
Bem longe de encontrarmos nas cidades,  
Nós juntos contemplámos, enlevados,  
Bebendo a longos tragos gozos tantos,  
Quantos pôdem fruir peitos amigos,  
Que unidos desde a infancia, se engolavam  
Agora meditando n'estas obras  
Tão grandes, tão sublimes, da Natura :  
Dois peitos, que da idade dos erros  
Sairam, para entrar na dos pensares,  
Sempre juntos, e sempre alegres, dando  
Mais um culto à Amizade, a cujo throno  
De per si elles mesmos se elevaram,  
Quando dos annos no verdôr brincavam,  
Quando suas idéas similbantes  
Pouco longe avançavam dos limites  
Prescriptos á idades tão nascentes. . . .

— Era pequena arvore plantada,  
Por mão á experencia pouco affeita,  
Para depois seus ramos alongando,  
Chegar ao crescimento precisado  
E offerecer o sazônado fructo :  
Essa arvore crescida é já bastante,  
E o fructo seu gozamol-o mutuamente.

Assim meditando,  
Do dia primeiro  
Passámos o resto :  
E quão lisongeiro  
Nos foi tal deleite,  
O ar respirando  
Do bosque, tão puro !  
Até que escuro  
Tornando-se o dia,  
Não mais se podia  
Do Baldeador  
Os sitios notar.

E então para casa nos fômos  
Muito prestes todos reúnir,  
E abi conversando, tivemos  
Varias coisas com que distrair.

Referimos, por tanto, o que achámos,  
E o que vimos de mais agradavel ;  
Para nós tudo era sublime,  
Tudo era bem admiravel.

E parte da noite  
Assim nós passando,  
Depois a findamos  
O solo jogando ;

Pois fóra da corte  
De noite, o passar  
É mão, não havendo  
Um bello luar.

E foi justamente  
O que aconteceu ;  
O jogo, por tanto,  
Logo appareceu.

Alta era a noite quando reposámos  
Os já bastante fatigados membros ;  
E ainda assim achava-mos bem curto  
O espaço que tivemos n'esse dia  
Para vér tudo, tudo apreciando ;  
Pois a noite tomou-nos pressurosa

Na nossa digressão tão animada,  
Tão cheia de elevados pensamentos !  
O dia desejava-mos que em breve  
Nos viesse fazer deixar os leitos :  
E á estes desejos, que do peito eram,  
Fazia-mos juntar os promenores  
Dos passeios que, ao nascer d'alva,  
Havia-mos de dar ; pois que nós ambos  
Idéas possuindo assaz ardentes,  
Parecia-nos pouco tudo quanto  
A' nossa vista se nos amostrasse !

Mas ah ! que em face de desejos tantos  
Tivemos de ceder bem humilhados,  
Não mais cuidando da manhã seguinte  
Nos passeios que havia-mos pensado !  
Oh ! que a noite tornou-se bem espessa !  
O trovão foi ouvido.... e após momentos  
Manifestou-se a chuva em abundancia !...  
Tudo foi instantaneo ; incontinente  
A tristeza se fez igual em todos,  
Grande parte cabendo aos jovens Bardos  
Que infructifero viam o passeio.  
A chuva foi annuncio de má nova :  
A chuva distriuiu quantos projectos  
Se tinham feito do passeio ao campo.

E ambos de tristura possuidos,  
A nada atingiam mais, senão o como  
Na roça passariam hinvernados.  
Todos, n'estes e n'outros pensamentos  
Pouco e pouco nos fômos entregando  
Ao mole sonno, a que emfim cedemos,  
Da chuva ouvindo o susurrar monoton.

O reposar foi breve, que avançada  
Já era a noite, quando adormecêmos !

Do dia apenas se mostraram raios  
Pelas frestas da casa, despertâmos,  
Para depressa o leito abandonarmos,  
Para nos embrenhar no espesso bosque;  
Pois que por cumulo de felicidade  
O dia se tornará tão brilhante,  
Como se não houvesse antes chovido.

Bem dissemos o céo, do céo em face,  
Admirados de prodigios tantos,  
Tomando por favôr d'alta valia  
Esta mudança, assaz inexperada !  
Só de Deus a vontade omnipotente  
Tornar nos fez alegres, quando antes  
Em triste meditar eramos todos.

Procurámos então do rio as graças  
Para aos nossos passeios dar comêço :  
D'elle, á margem sentados, nossas vistas  
Tão ávidas de encantos, espraiámos  
Pelos contórnos todos. . . . quão sublime  
Se nos mostrou então a Natureza ! . . .  
A par da solidão tão agradavel,  
Qual a do campo ao despontar da aurora,  
Gozava-mos prazeres eminentes  
Tudo gostando e tudo admirando !  
Oh ! como é bello o habitar bem longe,  
Bem longe das cidades populosas !  
Como é dôce ao nascer da manhã clara  
Ouvir o meigo canto dos volateis  
Tão lindos, tão gentis, da nossa terra !  
E estes, o seu gorgeio modulavam  
Como o hymno cadente offerecido  
Ao no céu e na terra omnipotente,  
Ao Deus Senhor da basta Natureza !  
Assim elles saúdavam bem contentes  
O despontar do dia magestoso  
Que, como nós, talvez não esperassem !  
Saúdavam do Senhor a só grandeza  
No lêdo gorgeiar tão innocent ! . . .

O verde bosque, a relva rociada ;

O deslizar do rio, murmurando ;  
O canto das aves, tão saudoso ;  
O ar tão puro da manhã serena,  
Do adusto sol ainda recatada ;  
As árvores frondosas, verdejantes,  
E assim, a Natureza admirámos  
N'estes e n'outros quadros bem tocantes !  
Oh ! que o sabio pincel na mão do homem,  
Inda tocando do sublime a méta,  
Jámais pôde imitar grandeza tanta !  
Uma empresa tamanha não lhe é dada :  
Feitura d'estes quadros, Deus sómente  
Em Sua Omisciencia fazer pôde ! ! .

E assim meditando  
Na vasta Natura,  
As nossas idéas  
Pareciam ser  
Uma só factura.

Amámos do campo  
A magna belleza ;  
Amámos dos bosques  
A tanta soidão,  
Tanta singeleza !

Enlevados gozámos assim  
A mais terna, a mais dôce emoção,  
Engolfados em idéas que, juntas,  
Pareciam de um só coração !

Pareciam de um só coração  
Os enlevoes de almas tão dadas ;  
E as nossas acções se formavam  
No pensar mais profundo escudadas.

Taes eram as delicias que tornavam  
Nossas almas assaz extaseadas,  
E sempre assim, jámais tempo perdemos,  
Tudo quizemos vêr, e tudo vimos !

Longas estradas, de abastado mato  
Orladas na extenção indefinida,  
Cortadas de outras tantas, que conduzem  
Os viandantes á diversos pontos,  
Ora direitas, ora tortuosas,  
Alteadas aqui, ali suaves,  
Irregulares todas, e de rios  
Ás vezes atalhadas ; estas estradas  
Tão solitarias sempre, e só deixando  
Ouvir a intercalada melodia  
Dos tantos plumi-varios passarinhos ;

D'estas estradas percorrêmos parte,  
E apenas encontrávamos de espaço  
Cavalgaduras guiadas por seus donos,  
Que desciam ao porto, conduzindo  
Os cereáes, productos recolhidos,  
Das lavouras álem d'esses lugares.

E os poucos passageiros  
Que encontrávamos, mostravam  
Um carácter bem civil,  
Bem cortezes nos saúdavam.

Às vezes alguma coisa,  
Só por curiosidade,  
Inquiríamos, e sempre  
Respondiam com bondade ;

Perguntando ora o destino  
De tão diversas estradas,  
Ora as distâncias, o fim,  
E as respostas eram dadas.

Eis emsím já descripto quase tudo  
Quanto fizemos, quanto de agradável  
Achámos no Baldeador, no biduo espaço,  
Em que tantos prazeres desfructámos

No bello apreciar dos bellos campos ;  
Porém inda é forçoso que se digam  
Duas palavras mais, p'ra concluir-se  
O trabalho expontaneo á que propuz-me.

À esquerda da estrada e pouco antes  
Da casa, onde passámos estes dias,  
E aonde recebemos os mais puros  
Gazalhado e franqueza permittidos ;  
Esguardámos mui simples fontesinha  
Abandonada ahi ao tempo—a tudo.  
Ao passarmos por ella, contemplámos  
Como triste e sósinha dimanava,  
E apreciámos n'ella a Natureza,  
Quão prodiga em seus bens offerecia  
N'aquella sua obra, tão propicia,  
O dôce refrigerio ao viandante,  
Libando a cristalina e pura lympha ;  
Mas, faltava-lhe o meio que fizesse  
Chegar a tanto a sua utilidade,  
Pois que em breve bacia pedregosa  
A lympha de cristal se concentrando,  
Deslisa-se depois, á par seguindo  
Por junto do caminho, ao morro junto.  
Ententámos, portanto, para ella  
Dos tantos cuidados nossos, uma quota

Dedicar, e o fizemos promptamente ;  
E, tanto quanto coube em nossas forças,  
Empregámos, e após edificou-se  
Pequeno chafariz que foi por ambos  
Erigido em memoria do passeio  
Que fômos dar a tão jucundo sítio !

Nenhum merito existe n'esta obra,  
Que é trabalho imperfeito, e não permite  
A duração dos sec'los, desejada ;  
Porém n'ella quizémos tão sómente  
Chamar a attenção do viandante  
A contemplar o monumentosinho  
Em que (nos divertindo) offerecemos  
Util serviço áquelles que o quizessem.

Este nosso trabalho foi saudado  
Por juizos sensatos, em que viam  
Distracção tão sómente de dois jovens ;  
Porém, a par das bôas intenções,  
Vinha tambem o genio malfazejo,  
Que nada podendo vêr de utilidade ,  
De tudo distruir se regozija :  
E o nosso chafarisinho, tão humilde.  
Soffreu a distruição que almas mesquinhas,  
Por dóce galardão, lhe offereceram !. . .

Toda a sua belleza reduziu-se  
Ao primitivo estado, e a pobre fonte  
Deslisa agora humilde, como d'antes,  
Por junto do caminho, ao morro junto !

E agora nem mais  
Existe um signal,  
Que indique à quem passe  
Um trabalho tal.

Que a pobre, coitada !  
Soffreu, como tudo,  
Do genio do mal  
O mesquinho estudo.

Embora quizesse  
Seu garbo ostentar,  
Por força lhe havia  
O mal atacar;

Pois este contagio  
Em tudo se vê;  
Remedio não ha :  
Tambem, para quê ?

Sublimes colossos,

Obras grandiosas,  
Nada pois resiste  
As furias damnosas.

E a pobre, coitada !  
Soffreu, como tudo,  
Do genio do mal  
O mesquinho estudo.

Agora, nem mais  
Existe um signal,  
Que indique a quem passe  
Um trabalho tal ! . .

E dois dias passámos, bem contentes,  
N'estas e n'outras distracções tão ternas,  
Que á penna e á idéa nos escapam :  
Dois dias, que talvez bem tarde, ou nunca,  
Teremos de gozar, como esses dias,  
Em que tanta amizade se reúna,  
Casadas no pensar dos jovens Bardos.  
Tantas recordações, enlevos tantos,  
Assaz nos preoccupam inda, e damos  
Largas ao pensamento, cogitando  
Uma por uma as scenas de que fômos  
Tão gratas testemunhas ; e uma por uma

Tão intimas idéas vem, dos Bardos,  
Poisar junto das bellas reflexões.

Oh ! salve dias felices tão formosos !  
Salve, ó Baldeador, a nós tão caro !  
Tua imagem jamais será riscada  
Das nossas recordações, assaz sinceras !

E quando era a tarde  
Já adiantada,  
E já nossas malas  
Stando preparadas,

Então terno adeus  
Dissemos, saúdosos,  
Do Baldeador  
Aos sitios formosos :

À toda a familia  
Com quem nos achámos,  
Nossa gratidão  
Assaz penhorámos ;

Pois ampla franqueza  
Nos foi offertada,

Desde que no sitio  
Fizemos entrada ! . .

Tomando emsim a estrada, a pé seguimos,  
Contristados bastante das lembranças  
Despertadas em nós a cada instante  
Que o Baldeador nos recordava,  
E assim andando sempre, era já noite  
Quando na joven Nictheroy entrámos,

Onde embarcados  
O már passámos,  
E assim chegámos  
Á vasta corte.

E d'ella já em terra, pressurosos,  
Buscámos nossos lares, já pensando  
Que um dia depois entrar devíamos  
Nas tão communs fadigas do trabalho !

Foi assim o passeio terminado  
Que será para nós sempre lembrado.

**FIM**









This book should be returned to  
the Library on or before the last date  
stamped below.

A fine of five cents a day is incurred  
by retaining it beyond the specified  
time.

Please return promptly.

